Nestas circunstâncias o bom eleitor, o cidadão militante de tal escola política, implicitamente tem que respeitar a lei que confere a posse, uso e goso aos senhores da propriedade... consequentemente tal eleitor-cidadão sujeita-se à lei, pela qual [illegible] as instituições militarista (com a correspondente divisão de fronteiras, mortífero preconceito patriótico, as guerras), a magistratura, a polícia, o fisco, etc., sujeitando-se igualmente, a pagar todos os impostos, directos e indirectos contribuições e multas exigidas pelo Estado para sustento de tôdas aquelas instituições que ao mesmo são adestritas.

O bom cidadão-eleitor continua escravo da terra, da mina, da fábrica, sujeito sempre ao règime do salário, continuamente a não poder cultivar a sciência, a arte, curtindo, respeitoso e humilde, a dôr e a miséria que o esmagam.

Por semelhante escola o operariado tem para a propaganda entre si, a política, e como oposição à desigualdade social que o escraviza, que o oprime, a mirabolante faculdade de votar, substituindo uns senhores por outros, igualmente bons cidadãos eleitores, respeitadores e obrigados ao sofisma burguês que a tam altas culminâncias lhes permitiu chegar...

A isto chamam os socialistas «dar consciência aos nossos companheiros»!

Já Bernstein, em um momento de sinceridade, reconheceu que o partido da social democracia se tem crescido, o deve à traição aos princípios.

Diz ele: «todo aquele que conheça um pouco a história da social-democracia, sabe que o nosso partido se tem feito grande graças à sua [illegible] sãs mesmas teorias».

O proprio Bebel no *Vorwaerts* confessou: «o partido, no concernente ao seu desenvolvimento intelectual, aumenta mais em grandesa do que em profundidade; sob o ponto de vista numérico témos ganho consideravelmente mas a qualidade não melhorou.»

Bebel falava da Alemanha que tinha a maior representação parlamentar conhecida dos socialistas. Mas este fenómeno é egual em todos os países.

E que qualidades, que grande consciência socialista possuiam os milhões de eleitores socialistas alemães?

Aquele elevado grau que permitiu que os representantes votassem os créditos e a declaração de guerra, e que os levou em massa aos campos de batalha em defesa do imperialismo e das castas dominantes e que permitiu que os sociais democratas dos outros paises, desculpando-se com os primeiros, fizessem o mesmo, atraiçoando. assim, todos, a Intercional?

Ah! Rasão tinhe o mesmo Bebel quando dizia: «A social-democracia é uma espécie de escola do militarismo».

M. J. DE SOUSA.

O ANO NOVO E' O PROLETARIADO

Com êste título os camaradas do Grupo Anárquista Renovação, do Rio de Janeiro, destribuiram, naquela capital, no dia 1 de Janeiro do ano do corrente o manifesto que passamos a transcrever e do qual se ocuparam quase todos os jornais cariocas, ocupando-se dêle também a assustadiça polícia federal que por amor á arte, vê complots em tôda a parte.

E' um belo manifesto, o dos camaradas do Grupo Renovação, calmo e persuasivo, sem as grandes palavras do costume e talvez, por isso mesmo, é que a polícia carioca o achou mais perigoso.

Recomendamos aos camaradas a sua leitura, com atenção, pois é um bom escrito de propaganda, que nem sempre nos é permitido ler.

Aos camaradas editores, as nossas congratulações.

Eis o manifesto;

«Ao começar de cada ano, sente-se e deseja-se que uma vida nova também comece, mas de bem estar e de alegria, fazendo esquecer as agruras e as tristezas até então vividas. Tam grandes são estes sentimentos e desejos, no íntimo de cada um de nós, que chegam a transbordar da nossa pessoa, e nós os auguramos, fraternalmente, a todos os nossos semelhantes. Daí o ter sido o dia primeiro de cada ano consagrado, em tôda a parte do mundo, como um dia de fraternidade universal.

Ora, esta é uma das provas mais evidentes de que um impulso há, dominante, que impele os homens para o bem estar, para a felicidade pessoal e social. E' uma tendência institiva, mais apurada cada vez — com o decorrer dos tempos e com as possibilidades crescentes que o progresso nos indica e nos mostra.

Entretanto, para a grande maioria, para a quase totalidade dos homens, não se realiza o bem estar desejado, a felicidade pessoal e social sonhada ao romper do ano novo... Apesar das possibilidades que nos cercam e se abrem á nossa frente e se oferecem aos nossos olhos, continuamos todos, em grande maioria, a moirejar na dura e áspera faina cotidiana, sempre áspera e sempre dura, afim de que nos não falte um mínimo de coisas indispensaveis — o pão, a casa, a roupa...

E quantos, ai de nós! quantos são os que nem mesmo este mínimo indispensavel ás mais urgentes e básicas necessidades da vida conseguem obter, — baldados os esforços esplendidos, inutilisadas e improveitadas as energías gastas nos últimos arrancos! magoados, triturados na engrenagem implacavel! Quantos os que nem ao menos chegam a ver terminar o primeiro mez do ano que ao romper lhes insuflara antes e tão ansiosas esperanças!

Mas porque isto, porque este doloroso desequilíbrio entre tão justas aspirações, tantas possibilidades e tão crueis realidades?

Nós estamos convencidos de que tal desequilíbrio resulta directamente do regime de sociedade em que vivemos, da má organização do trabalho e da iníqua distribuição das riquezas.

Se as riquezas — tudo que existe feito pela mão do homem — tem uma origem absolutamente colectiva, frutos que são do trabalho colectivo, não só dúma geração, mas das gerações que se vêm sucedendo atravez os séculos; se as riquezas são assim criadas, mantidas, desenvolvidas pela colectividade, por todos os homens, por todas as gerações; se isto é uma verdade, por todos os homens, por todas as gerações; se isto é uma verdade assente e incontroversa; — desde logo ressalta que ruim, errada, incoerente, iníqua, incapaz de promover aos próprios fins, é a organização da sociedade em que o fruto do trabalho de todos e, consequentemente, as possibilidades de bem estar e de felicidade se acham monopolizadas pela minoria de ricos, garantidas por uma minoria de governantes, defendidas por uma minoria de sacerdotes (sacerdotes dos deuses, das leis, das pátrias, etc.) — e por estas tres classes, por elas sómente, usufruidas, gosadas, disperdiçadas.

Como, porém, dar solução a problema de tal magnitude? Como transformar este regimen?

—

Queremos falar aos homens de boa vontade, aos homens de coração limpo e de consciência altiva, estejam onde estiverem. Queremos também falar aos rebeldes de tôdas as horas, aos inadaptados e inadequados aos costumes que nos regem. Queremos, finalmente falar á grande massa anónima do povo, a essa massa propulsora de todas as grandes coisas e vítima interna das injustiças, das mentiras, dos embustes, dos despotismos de todos os tempos.

Somos anarquistas e julgamos que só uma transformação libertária, só uma reorganização social sobre princípios anárquicos poderão [illegible] e a cada um o bem estar possível a que todos e cada um teem o direito.

Numa sociedade anárquica, em que os interesses comuns serão dirigidos pela própria comunidade; numa sociedade baseada fóra do princípio da autoridade temporal e espiritual e fóra do princípio da monopólização da propriedade; numa sociedade em que a terra, as minas, as oficinas, as matérias primas, os instrumentos de trabalho, as coisas moveis e imoveis de utilidade colectiva, as riquezas comuns, numa palavra, forem, de direito e de facto, propriedade de todos e forem administradas pela colectividade, pelos próprios interessados na sua conservação e no seu progressivo desenvolvimento; numa sociedade em que o trabalho de produção e de consumo fôr, regulado equitativamente, segundo as capacidades e as necessidades de cada um: numa sociedade assim constituída, não se dará, estamos certos disso, o doloroso desiquilíbrio de aspirações e realidades, nem se produzirá a clamorosa iniquidade da fartura desmedida e esbanjadora de alguns privilegiados ao lado da miséria maior ou menor e sempre cruel da grande maioria.

Ora esta sociedade, organizada sobre tais bases é a sociedade anárquica e comunista que nós prégamos, defendemos e trabalhamos para implantar entre os homens.

—

Ano novo: Que seja este de 1917, que encontra a humanidade suspensa ao espectaculo sinistro da carnificina guerreira, da maior chacina do povo que a história já registou: — que seja este ano novo o início duma nova era de consciências e de vontades, a abrirem se ás mais altas aspirações e a impulsionarem-se ás mais fecundas realizações de liberdade e de justiça!

Cartas d'aldeia

Caro amigo Z: — Se por acaso leres estas cartas, a ti dirigidas, não estranhes a minha linguagem nem a minha ousadia. Vivendo entre montanhas, trabalhando extenuantemente para ganhar uns míseros vintens, não me sobra o tempo necessário para compulsar os bons autores, cujos livros, encerrando preciosos ensinamentos, dão a tôda a gente sábias lições de literatura e arte, de filosofia e sciência, de crítica e história.

Nestas cartas, escritas á pressa nas horas fugídias do descanso, não procures as belezas do moderno estilista nem as emoções poéticas dos grandes vates. Não é para te falar dso progressos intelectuais dos nossos escritores de romance e de teatro, dos nossos líricos e dos nossos poetastros, que eu alinhavo estas linhas: — é para te dizer algumas coisas sôbre a Vida, sôbre a Vida horrosa e miseravel que sofrem cruciantemente as legiões proletarianas, sôbre essa Vida torturante e desgraçada que tem por base a *Pobreza* e por lêma o *Trabalho*.

Elevado às mais altas regiões da bandalheira e do cinismo políticos, tu desdenhas as «camadas inferiores» da sociedade actual. Por *camadas inferiores*, designas sempre os milhões e milhões de sêres humanos que, desde a manhã até altas horas da noite, produzem tudo quanto é indispensavel à vida. A tua designação tem tanto de ignominia como de infâmia. Mas eu não me admiro disso. Tu és um adaptado ao meio. E os indivíduos nestas condições são capazes de tudo: desde a traição vilíssima até á calúnia replente...

Tu vendeste a tua consciência á burguesia, como qualquer de nós pode vender umas calças velhas à farrapeira. Contando as moedas que a burguesia te deu, achaste o *negócio* excelente. Daí a tua frasçologia insultuosa para a Canalha e para a Pobresa, a quem acoimas de nomes feios.

Na tua mentalidade [illegible] prepassam constantemente idéas diabólicas. Ontem dizias que essas duas forças criadoras e fautoras do Progresso e da Civilização, se sugestionavam fácilmente ao oiro dos monárquicos na mira sedutora de virar a república de pernas p'ró'ar; e hoje, como semelhante cantilema já não surte efeito, *afirmas* por meio de evasivas, que elas estão sob a influência da dinheirama alemã para perturbarem a Ordem e a Paz tão imprescindiveis, nos difíceis tempos que correm, ao bom funcionamento da vida nacional.

Se eu não conhecesse o caracter de todos os vendidos, de todos os canalhas que se rojam aos pés das classes dominantes implorando uma posição de destaque, diria que estás louco. Assim, não. Assim posso garantir, sem receio de desmentido, que tu representas o verdadeiro tipo do desavergonhado e do cínico, do hipócrita e do camaleão. Amanhã, se te aparecer um partido, uma seita, uma *cotterie* que melhor te satisfaça a vaidade, o egoísmo ea ambição de dinheiro, tu não porás dúvida nenhuma em te passares para êsse lado, com armas e bagagens. Escreves para que te paguem, não para que te compreendam. Fizeste da tua inteligência uma espécie de armazem de merciaria por junto e a retalho. E' por isso que te prendes ao que mais oferece, porque, para tí, a Vida resume-se num punhado de moedas luzentes e brilhantes! Desta forma tu tratas «sempre com mais cortezia um patife muito rico do que um homem honrado muito pobre».

Nas tuas crónicas, escritas sob a influência do alcool e da bagalhoça, sempre flagelas a Pobreza. ¿Que mal te fez ela para lhe teres assim um ódio mortal? Pois olha que se não fosse o seu esforço gigantesco, se não fosse o seu trabalho inteligente e sublime, nem tu nem os que tu defendes, poderiam viver. E a prova, é que se a Pobreza cruzar os braços, negando-se a trabalhar para sustento dos parasitas, o mundo capitalista ruirá com estrondo.

Mas tu, imbecilizado, como estás, pelas teorias burguesas, não queres vêr a realidade das coisas. Se quizesses abrir os olhos, desprendendo-te dos *pergaminhos* que possuis, concordarias com Jean Finot, quando nos diz: «Nos antigos séculos, a Pobreza fundou cidades, inventou as artes, afastou-se do vício, prodigalizou-se em celebridades, atrain para si os elogios de todos os povos cultos. Viu-se na Grécia fazer-se sucessivamente: justiça em Aristides; bondade em Phocion; valor em Epaminondas; sabedoria em Sócrates; eloqüência em Homero».

E aqui tens, caro amigo, como todos os teus ataques premeditados à Pobreza e à Canalha — tu englobas tudo no mesmo termo — trazendo bem marcado o cunho do vil metal sonante, se esvaem como fumo. E's um vendido. E para agradares aos *senhores* que te abarrotam o estômago, não trepidas em trasladar ao papel tôdas as mentiras e êrros que te ocorrem ao cérebro...

Chão Verde, 12-2-917.

ADRIANO D'OLIVEIRA.

F. P. dos T. do Livro e do Jornal. — Desta Federação recebemos uma circular dando-nos conhecimento do novo Secretariado, eleito no congresso de Evora e endereçando-nos as suas saudações mais afectuosas.

Retribuindo-lh'as, por êste meio, desejamos aos novos corpos gerentes dessa instituição operária um ano cheio de prosperidades na luta encetada contra os nossos seculares exploradores.

DOCUMENTOS para a História

Após a publicação do célebre "manifesto dos dezasseis" o diário inglês, *Daily Mail*, anunciava que o [illegible] da Internacional Anarquista, Domela Nieuwenhuis havia *rectificado o tiro*, aderindo à doutrina do referido manifesto e tornando-se um acérrimo partidário da «causa dos aliados».

Tocsin, o orgão dos anarquistas russos, informou, do caso, o nosso camarada. Deveras surpreendido com a especulação torpíssima do periódico burguês, Domela, enviou à redacção do hebdomadário anarquista, a seguinte carta:

Estimados camaradas: — Por um número do vosso jornal, que tivestes a amabilidade de enviar-me, fico a saber que certa imprensa, sem brio nem pundonor, pretende dar curso ao tendencioso boato, de que eu aderira às declarações de Krapotkine e doutros indivíduos que se denominam anarquistas.

E' um êrro. De modo algum participo das ideias que elas contêem. Mais: nem sequer compreendo a mentalidade daqueles que, apesar de as subscreverem, continuam a declarar-se anarquistas, pois é minha firme convicção que, ao colocarem o seu nome por baixo delas, abdicaram dos principios que diziam defender.

Eu desconheço, em absoluto, esta nova modalidade de anarquismo, conseqüência também da abominavel e mortífera guerra: o anarquismo estatal. Bem sei que o nosso movimento deve muito aos que preconizam agora essa teoria; mas o que é bem verdade é que êles, com êsse gesto, se desviaram do caminho de onde nunca deviam ter saído. Nestas condições, dou a minha adesão incondicional à contestação que Malatesta lhes deu em tempo competente.

O militarismo alemão conseguiu já uma apreciavel vitória — até no caso em que a Alemanha perca a guerra — visto que a Inglaterra, a Holanda, a Bélgica e é possivel que também os Estados Unidos vão possuir o serviço militar obrigatório.

E' uma instituição alemã que se tornou internacional; e os alemães podem cantar vitória, ao verem que o seu sistema é, desde já, o sistema de todos os Estados.

Portanto, o que defende instituições que emanam do Estado, converte-se em estatista. Militarismo e Estatismo são dois ramos da mesma árvore: a árvore da Autoridade.

Pois bem: os auarquistas são contra o Estado, contra todos os Estados quer sejam autocratas e czaristas como a Rússia e a Alemanha quer sejam democráticos como a França e a Inglaterra.

Nós não queremos, de maneira nenhuma, a conquista do poder político. Por isso gritamos: Abaixo o Estado! Abaixo todos os Estados!

Sguendo os signatários da *Declaração*, é preciso seguir o resto do povo. Semelhante procedimento, tem por fim sancionar tudo o que o Estado ordena e decide; e dêsse modo acabaríamos por aceitar igualmente o imperialismo.

E o que é que os trabalhadores podem ganhar com o triunfo do imperialismo? Quando muito, perderem-se irremediavelmente.

Um dedo gangrenado, gangrena imediatamente a mão, depois o braço e finalmente todo o côrpo. O primeiro passo é o que mais custa a dar. E' esta razão que nos leva a dizer que os nossos companheiros deveriam reflexionar multíssimo, antes de darem a público a célebre declaração.

Os folhetos de Krapotkine sôbre o Estado estão em aberta oposição com as suas declarações últimas.

Peço-vos a publicação destas linhas, pois tenho vivo interesse que todos os camaradas saibam que permaneci sempre fiel aos princípios anarquistas.

DOMELA NIEUWENHUIS.

Hilwersum (Holanda)